

# A SELETIVIDADE ALIMENTAR EM CRIANÇAS PORTADORAS DO ESPECTRO AUSTISTA

AMORIM.N.A.S.<sup>1</sup>; BARBOSA.J.V.<sup>1</sup>; LAVORATTO. M.A.E.<sup>1</sup>; MARETTI.M.C.<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Autismo, Alimentação e Seletividade

## INTRODUÇÃO

Considera-se que o autismo é uma síndrome comportamental que engloba diversos comprometimentos nas áreas relacionadas à comunicação, quer seja verbal ou não verbal, no comportamento geral e no desenvolvimento neuropsicológico (ORRÚ, 2011; QUEIROZ et al., 2018).

Os transtornos do espectro autista iniciam-se, normalmente, na infância com a idade de 2 a 3 anos, período em que os neurônios que coordenam a comunicação e os relacionamentos sociais deixam de formar as conexões nervosas e, tendem a persistir na adolescência e na idade adulta. Os principais comportamentos característicos são sensibilidade a sons, agressividade, demora da comunicação falada, dificuldade em compartilhar emoções e expressões faciais, ter rituais fixos na rotina e seletividade em ingerir alguns alimentos (MACIEL; GARCIA FILHO, 2009).

Segundo Moura et al. (2021) a seletividade alimentar está relacionada com uma das alterações comportamentais existentes nos Transtorno do Espectro Autista (TEA) associada a uma desordem sensorial e hipersensibilidade tátil, podendo comprometer diretamente a aceitação de ingerir alguns alimentos pela tonalidade, sabor e texturas.

1

---

<sup>1</sup> Maria Angélica Estevam Lavoratto. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Nutrição da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2023.

<sup>1</sup> João Victor Barbosa. Acadêmico do Curso de Bacharelado em Nutrição da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2023.

<sup>1</sup> Nathan Augusto Souza Amorim. Acadêmico do Curso de Bacharelado em Nutrição da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – PR. 2023.

<sup>2</sup> Mirian Cristina Maretti. Professora. Nutricionista. Doutora em Ciência de Alimentos. – FAP. Apucarana – PR. 2023.

De acordo com Carvalho (2012), as crianças com esse transtorno são muito seletivas e resistentes a ingestão de novos alimentos, criam barreiras ao adquirir novas experiências alimentares e são mais propensas a terem dificuldades alimentares do que as crianças com desenvolvimento típico. A seletividade alimentar atinge cerca de 40% a 80% das crianças com esse transtorno.

Gomes (2016) coloca que na rotina alimentar de uma criança autista, na maioria das refeições há a presença do choro, agitação e agressividade. Apresentam ainda seletividade na textura, cor e sabor dos alimentos, recusa ao experimentar e a conhecer o novo e limitam-se a ingerir somente um grupo de alimentos.

Leal et al. (2015), explicam que crianças com TEA tem dificuldade em dividir sentimentos, vontades e interesses e, ter uma dieta equilibrada pode proporcionar melhoras no comportamento da criança autista, evitando deficiências nutricionais e problemas gastrointestinais. Entretanto, em algumas crianças existem vários bloqueios alimentares que prejudicam essa alimentação balanceada e nutritiva. A seletividade, a recusa dos alimentos e a indisciplina alimentar podem atrapalhar a ingestão adequada da criança. Assim, trazer novos métodos para a introdução alimentar da criança e promover um repertório alimentar maior podem evitar compensações alimentares.

## **OBJETIVOS**

- Analisar a seletividade alimentar em crianças portadoras do espectro autista.
- Descrever formas de tratamentos adquirindo bons hábitos alimentares.

## **MÉTODOS**

O trabalho desenvolvido seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2008, p.50), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. A seguir estão descritas as fontes que forneceram as respostas adequadas à solução do problema proposto: Artigos científicos sobre a temática foram acessados nas bases de dados Google Acadêmico, publicados nos últimos 6 anos (2018 a 2023). Foram utilizados 18 artigos de 99 encontrados, disponíveis online em texto completo. Os seguintes descritores foram aplicados: Autismo, Alimentação e Seletividade. Para a seleção das fontes, foram consideradas como critério de inclusão as bibliografias que abordassem somente o tema de crianças portadoras do espectro autista e a relação com a

seletividade alimentar, e foram excluídas aquelas que não atenderam a temática. Ainda como critério de exclusão, foi realizada a leitura dos resumos dos artigos selecionados e excluídos aqueles que fogem ao tema.

## **RESULTADOS**

No tratamento da seletividade alimentar, umas das condutas utilizadas junto às crianças é a Terapia de Integração Sensorial, sendo uma abordagem exclusiva da terapia ocupacional, a qual tem comprovado resultados positivos na prática clínica. A interação social é definida pelo processo neurofisiológico que se refere à capacidade do cérebro organizar e interpretar as informações provenientes dos diferenciados sistemas sensoriais, mediante a experiência de aprendizagens anteriores e memórias armazenada no cérebro. Destinado a organização e interpretação das informações que recebemos dos sentidos como por exemplo: cheiro, paladar, toque, visão, audição, vestibular e propriocepção. Assim, a terapia de integração sensorial atua na regulação das sensações, para que se possa melhorar a qualidade de vida e prevenir possíveis complicações relacionadas a alimentação e saúde geral (CORREIA, 2015).

A família e cuidadores desempenham um papel vital na formação dos hábitos alimentares das crianças autistas, influenciando suas primeiras experiências com a comida, que podem ser determinantes para aceitação de novos alimentos (SAMPAIO et al., 2021). De acordo com Lampreia (2007), é essencial promover uma interação sensorial precoce com os alimentos, começando já aos 18 meses de idade, em bebês autistas.

É fundamental implementar estratégias comportamentais para diversificar e modificar os hábitos alimentares de indivíduos com autismo, visando melhorar sua saúde de maneira positiva. Uma abordagem eficaz tem sido a educação nutricional, que desempenha um papel crucial na superação das barreiras que impactam diretamente na nutrição dos pacientes autistas. O êxito das terapias comportamentais em pessoas com TEA, depende de um processo que começa de fora para dentro, com o objetivo de absorver estímulos e desafios. Esse processo só pode ser completamente desenvolvido quando o corpo e o organismo estão bem nutridos e funcionando adequadamente (PEREIRA et al., 2021).

Como meio de intervenção, a busca por melhorias deve ser feita com auxílio de diversos profissionais, sendo eles o nutricionista, o terapeuta ocupacional, o psicólogo comportamental e o fonoaudiólogo. Esta equipe multidisciplinar será capaz de auxiliar na alimentação, nutrição e aporte adequado de nutrientes, conversar com a família sobre possíveis reações às novas informações gustativas e sensoriais, incorporando diferentes abordagens comportamentais para melhor aceitação sobre diferentes texturas, identificar estratégias alternativas na preparação de alimentos, tornar características sensoriais mais gerenciáveis, suplementar vitaminas e minerais, quando necessário, aumentar a adequação e variedade da dieta e buscar vias alternativas sobre a defensiva tátil e sensorial da criança (SILVA, 2023).

Algumas intervenções têm sido utilizadas para atingir a neofobia alimentar, dentre essas a educação sensorial tem sido citada por envolver o uso de todos os cinco sentidos para ensinar as crianças. Para isso, ocorre a exposição através da apresentação repetida de um novo alimento e o envolvimento de pessoas de confiança interagindo e consumindo o mesmo alimento. Essas experiências têm demonstrado eficácia, apesar das limitações devido as diferentes abordagens alimentares e comportamentos de evitação (BENNETT et al., 2020).

## **CONCLUSÃO**

Conclui se que a seletividade alimentar em crianças autistas é um desafio complexo que pode impactar significativamente a qualidade de vida e saúde dessas crianças. Observou-se que a seletividade é um caso multifatorial influenciado por fatores sensoriais, texturas e comportamentos. Embora seja comum cada criança autista ter suas preferências e aversões alimentares, torna-se importante uma abordagem individualizada para melhor entender e gerenciar tal comportamento.

O nutricionista pode oferecer orientações específicas para atender às preferências alimentares e às sensibilidades sensoriais das crianças autistas, tornando a alimentação uma experiência mais agradável e menos estressante.

## **REFERÊNCIAS**

BENNETT, C.; COPELLO, A.; JONES C.; BLISSETT, J. Children overcoming picky eating (COPE) – A cluster randomised controlled trial. **Appetite**, v.154, n.3, 104791, July, 2020.

CARVALHO, J.A.; SANTOS, C.S.S.; CARVALHO, M.P.; SOUZA, L.S. Nutrição e autismo: considerar ações assim sobre a alimentação do autista. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.5, n.1, Pub.1, Jan. 2012.

CORREIA, C. O. A. **Seletividade Alimentar e Sensibilidade Sensorial em Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo**. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Projecto elaborado com vista à obtenção do grau de Mestre em Terapia Ocupacional, na Especialidade de Integração Sensorial. 2015. Disponível em:<<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9743/1/Seletividade%20Alimentar%20e>>. Acesso em: 03 Out. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, T.A.S. Modulação nutricional do transtorno do espectro autista- um estudo de caso. **Revista Brasileira de Nutrição Funcional**. São Paulo. v.46., n.81, 2020. Disponível em:<<https://www.vponline.com.br/portal/noticia/pdf/c1c4>>. Acesso em: 04 Out. 2023.

LAMPREIA, C. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, SP. v. 24, n. 1, p. 105-114, Jan.-Mar., 2007.

LEAL, M.; NAGATA, M.; CUNHA, N. DE M.; PAVANELLO, U.; FERREIRA, N. V. R. Terapia nutricional em crianças com transtorno do espectro autista. **Cadernos da Escola de Saúde**, Curitiba, v. 1, n. 13, p.1-13, 2015.

MACIEL, M. M.; GARCIA FILHO, A. de P. **Atendimento educacional específico: autismo: uma abordagem tamanho família**. In: EDUFBA. Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas. Scielo Book, p. 224-235, Salvador, 2009.

MOURA, G. V.; SILVA, R. R.; LANDIM, L. A. S.R. Seletividade alimentar voltada para crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão da literatura. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**. Macapá, AP, v. 4, n. 1, p. 14-19. 2021.

ORRÚ, E.S. **Autismo, o que os pais devem saber?** 2. ed. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2011.

PEREIRA, A. B., SANCHES, D. C. B., CASTRO, G. DA S., FERREIRA, J. L., POMPEU, L. R., COSTA, R. DE C. C. DO R., ISHIGAKI, S. Y. R., LUCENA, T. C. Atuação da equipe multidisciplinar no tratamento do TEA e a importância da intervenção nutricional. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.9, p.94448-94462. 2021.

QUEIROZ, G.A.S.; MARCELO, O.P.; BELLO, A.W. (2018). Uma percepção sobre o autismo: olhares e realidades. <http://repositoriodigital.univag.com.br/index.php/ped/article/viewFile/323/133>

SAMPAIO, A.B.M.; NOGUEIRA, T.L.; GRIGOLON, R.B.; ROMA, A.M.; PEREIRA, L.E.; DUNKER, K.L.L. Seletividade alimentar: uma abordagem nutricional. **J. Bras. Psiquiatr.** v.62, n.2, p.164-70. 2013.

SILVA, E.P. **Seletividade alimentar em crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa da literatura**. In: UFRGS 2023. Porto Alegre. Graduação em Nutrição. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre: UFRGS.